

Em entrevista, a discussão da dívida externa

RIO — Os mais de 50 jornalistas estrangeiros presentes à entrevista coletiva do candidato do PRN a presidente, Fernando Collor de Mello, na sede da Confederação Brasileira do Comércio, ontem, no Rio, pouparam o líder nas pesquisas de questões internas polêmicas, atacando assuntos como a dívida externa. Para a imprensa nacional, que pôde assistir sem se manifestar, Collor deu pouca atenção, limitando-se a responder rapidamente, na saída, a algumas perguntas antes de ser empurrado por seguranças para dentro do elevador.

Ele falou com desenvoltura sobre assuntos como as relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos, a reserva de mercado no setor de informática e reafirmou estar surpreso com a rápida ascensão do seu nome nas pesquisas. Mas não negou que isso estava nos seus planos. "Só que deveria ocorrer apenas em julho", disse Collor, evitando, em seguida, se aprofundar numa resposta sobre seu passado malufista. Lembrou apenas sua lealdade ao partido, sem citar o PDS.

O candidato também não quis falar das denúncias de que estaria pagando duas vezes aos usineiros de Alagoas o dinheiro arrecadado irregularmente pelo Estado. "Traga-me fatos", reagiu sem responder à pergunta. Ele aproveitou o contato com jornalistas estrangeiros para mostrar que está disposto a atrair investimentos do Exterior para o Brasil. E ressaltou que só há uma solução para o País, que é a retomada do crescimento econômico. Depois, exemplificou: "Em 1980, devíamos US\$ 53 bilhões. Pagamos até agora US\$ 105 bilhões de serviços da dívida e devemos atualmente US\$ 112 bilhões".